



*Pin-ups:*  
fotografias que encantam e seduzem

Priscilla Afonso de Carvalho  
Maria Irene Pellegrino de Oliveira Souza

# *Pin-ups:* fotografias que encantam e seduzem

*Pin-ups: pictures that fascinate and seduce*

Priscilla Afonso de Carvalho \*  
Maria Irene Pellegrino de Oliveira Souza \*\*

---

**Resumo:** *Com base em estudos sobre fotografia, antropologia social e visual do corpo, este artigo aborda a imagem feminina socialmente construída através dos tempos. Narra o histórico da fotografia erótica de pin-ups e seus elementos fetichistas. As pin-ups surgiram no final do século XIX e representaram o espírito “livre” das mulheres. Sutilmente, incitavam o rompimento do tradicionalismo da época quanto à sensualidade e sexualidade feminina. O artigo aborda também a sensualidade feminina como objeto de desejo. O recato sensual das pin-ups – com ar de mistério – alavancou o erotismo no início do século XX e, até os dias atuais, provoca admiração, suspiros e desejos.*

**Palavras-chave:** *Pin-ups; fotografia erótica; corpo feminino; fetiche.*

**Abstract:** *Starting from photography studies, social anthropology and body visual, this article approaches the social construction of the feminine image through times. It narrates the history of erotic pin-ups photography and its fetishist elements. Pin-ups have aroused in the end of 19<sup>th</sup> century and it represents the free spirit of women. Slowly, it provokes the breakup of sensuality and sexuality feminine traditionalism. The article also discusses women's sensuality as a desire object. The pin-ups sensual demure – with a mystery atmosphere – stimulated the eroticism at the beginning of the 20<sup>th</sup> century and, until nowadays, it provokes admiration, sigh and desire.*

**Keys-words:** *Pin-ups; erotic photograph; feminine body; fetish.*

---



---

\* Graduada em Estilismo em Moda pela Universidade Estadual de Londrina. Especialista em Fotografia pela mesma instituição.

\*\* Doutora em Estudos da Linguagem pela UEL/PR. Docente do curso de Especialização em Fotografia da Universidade Estadual de Londrina.

## Introdução

A beleza feminina por séculos foi concebida como natureza maléfica associada à capacidade de feitiços e encantamentos. Acreditava-se que os atrativos naturais semeavam ruína e perdição aos homens.

A partir do século XX essa cultura secular estereotipada perdeu força e seu caráter central se desfez. Uma “nova” imagem surgiu representando a figura da mulher apoiada e fomentada pela fotografia, teatro e cinema. De acordo com Lipovetsky (2000), a sedução feminina se opôs aos preconceitos e se concretizou como uma beleza intensa e evocativa. A ambivalência do gênero perdeu seu caráter pecaminoso e o que era definido como beleza satânica deu lugar à beleza ingênua e sedutora.

No período compreendido entre as décadas de 30 e 50, quando a indústria do sexo ainda não havia banalizado alguns valores, a mistura de inocência e malícia se propagou pelos murais e telas cinematográficas, veiculadas pelos suportes de publicidade e na esfera da moda. A partir de então surgiram as chamadas *pin-ups*, mulheres de brilho provocante no olhar, retratadas por fotógrafos e ilustradores.

Literalmente descrito pelo Dicionário Oxford o termo “*pin-up*”<sup>1</sup> em inglês quer dizer “1. fotografia ou figura de pessoa atraente, especialmente uma que não usa muita roupa, que é colocada na parede pelas pessoas para ser olhada; 2. pessoa que aparece na imagem de *pin-up*.” (HORNBY, 2005, p.1144).

As *pin-ups* em geral são consideradas mulheres que dominam a arte da sedução, e articulam invejavelmente a aura inocente, e o leve erotismo numa trama de provocações capaz de acender o imaginário masculino. Geralmente representadas por modelos ou atrizes ilustradas por desenhos, pinturas hiperrealistas ou retratadas pela própria fotografia, sempre ornadas com símbolos que as tornam peças do fetiche.

---

<sup>1</sup> Tradução livre do original: “**Pin-up** noun, 1- a picture of an attractive person, especially one who is not wearing many clothes, that is put on a wall for people to look at; 2- a person who appears in a pin-up.” (HORNBY, 2005, p.1144).

## O início da era *pin-up*

Não se sabe ao certo a data exata do surgimento destas imagens, no entanto a história das *pin-ups* conduz ao final do século XIX, quando aparecem as primeiras imagens produzidas nos meios de massa com as ilustrações Jules Cherét, na Europa. Em uma época em que a sociedade ainda estava centrada no recato da imagem feminina, esse artista criou as primeiras imagens de mulheres em poses sensuais para pôsteres. Suas imagens, aliadas aos recursos da impressão litográfica, evoluíram e lhe renderam muitos cartazes criados para cabarés, teatros e agências comerciais. Com a popularização dos seus trabalhos e o brilhantismo da sua propaganda, Cherét se tornou um dos principais publicitários da época e foi considerado o pai dos pôsteres. Suas obras então se difundiram por diversos países.

Ele mostrava sutilmente em suas ilustrações o espírito “livre” das mulheres. Sua arte contribuiu para conduzir e incitar paulatinamente a esfera social feminina a um rompimento dos tradicionalismos da época quanto à sua sensualidade e sexualidade. Seu trabalho influenciou inúmeros artistas até o início do século XX, quando começam a surgir pôsteres mais realistas e calendários com ilustrações de mulheres em poses ousadas.

Foi na década de 30 que iniciou a idade de ouro das *pin-ups*, com modelos retratadas pelos artistas Alberto Vargas e George Petty. Suas ilustrações recheavam alguns dos intervalos das páginas de uma revista americana, *Esquire*, dividindo espaço com fotografias. Com o passar dos anos as imagens foram se modificando e estes pôsteres ilustrados deram lugar à fotografia, propriamente dita, de modelos/mulheres reais, pois somente a partir de 1940 que a fotografia predominou nos meios de publicidade. O ponto mais alto das *pin-ups* reporta-se a esta década.

As *pin-ups* foram um dos primeiros apelos da chamada “cultura pop”. Eram exibidas em calendários, páginas de revistas, cartões

postais, cromolitografias, caixinhas de fósforo, maços de cigarro e em vários meios de veiculação de informações, até mesmo nas fuselagens dos aviões nos *fronts* de batalha. O que se viu naquele período foi uma explosão de imagens como uma fonte provocativa de humor e inocência. As fotografias foram muito usadas na publicidade para despertar o consumo e vender quase tudo.

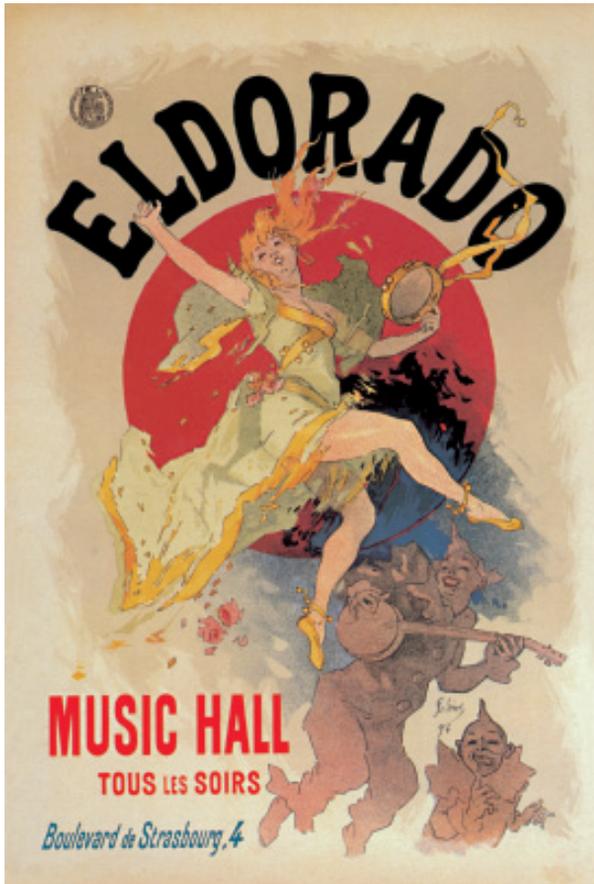


Figura 1 - Eldorado – cartaz de 1894 por Jules Cherét  
Fonte: Imagem gentilmente cedida por Getty Images  
Letteri Café (2007)



Figura 2 - Calendário com pin-up ilustradas por Alberto Vargas (cerca de 1942)  
 Fonte: The Pin Up Files (2009)

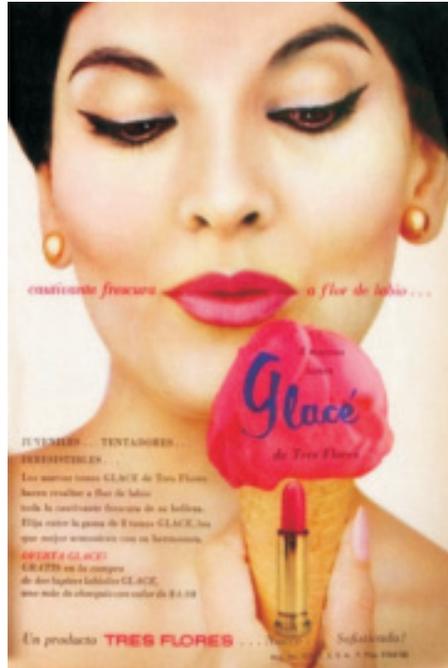


Figura 3 - Publicidade de batom, Glacé (1959)  
 Fonte: Grace... (2009)

No entanto, foram anos muito distintos dos atuais. Cabe lembrar que havia uma difícil busca da aceitação sexual e de liberdade dos corpos. Assim, ao mesmo tempo em que “burlavam” os rígidos costumes da época, estas fotografias eram um desafio para as mulheres fotografadas, pois posavam praticamente desnudas e em poses sexualmente sugestivas. O olhar diante da possibilidade de realismo da fotografia era muito diferente do olhar da pintura e das ilustrações, pois, como sugere Marra (2008), a ilustração estaria claramente fundada na ausência e a fotografia na presença, ou seja, um artista pode desenhar uma modelo que não existe ou não se encontra fisicamente presente, já não ocorre o mesmo com a fotografia, pois esta necessita um comparecer da “carne verdadeira” - o corpo.

Em se tratando da imagem, Leal (2001) lembra que o olhar capaz de seduzir outro olhar é sempre perturbador. Contudo, as *pin-ups* tomaram o espaço e a mídia com total fervor e foram capazes de influenciar e ditar posturas e comportamentos efetivamente por trinta anos. Conforme Achutti (2001), a fotografia influencia as mais diversas áreas do conhecimento e do comportamento humano, pois determina mudanças nos hábitos e na maneira das pessoas olharem o mundo e a si próprios.

## Apontamentos sobre a fotografia

O advento da fotografia se insere num contexto de rompimento com as tradições aristocráticas. Neste período passou-se a se preocupar mais intensivamente com as convenções das aparências, como o falar, o gesticular, o sorrir, o andar, o vestir, remodelando-se em conceitos de vaidade e estética.

O intento e o célere desenvolvimento da fotografia afetaram prontamente os hábitos e paradigmas artísticos e visuais. A partir do momento em que a mulher transformou-se efetivamente em imagem real através do ato fotográfico, novos paradigmas foram instaurados pela mídia e pela moda. As imagens passaram a servir de cânones estéticos para outras mulheres, difundindo padrões de comportamento que ensinaram como estas deveriam se portar como “ser mulher”, difundindo um ideal socialmente construído pela imagem. Então, encontrou-se na fotografia e seus códigos um modo de reprodução fixo das aparências, uma maneira de guardar para a posteridade um modelo social ideal, valorizando-se e sendo estimada por sua própria imagem de beleza.

A capacidade de certificar o real, e também o imaginário, desde sempre fez parte do patrimônio genético da fotografia, mas com a fotogravura a sua difusão de massa fez da fotografia o instrumento ideal para acessar a esfera da ilusão, e tornar concreto todo grande

sonho coletivo: um dispositivo operacional indispensável para o desenvolvimento [...]. (MARRA, 2008, p.72).

O registro químico da imagem fotográfica foi rapidamente incorporado socialmente e apresentou ao mundo possibilidades de transformações. As belíssimas ilustrações de papel foram então encarnadas por mulheres reais, “*sexys symbols*” como Elizabeth Ruth Grable, uma das primeiras *pin-ups*, fotografada por Frank Powolny com seu maiô branco recatado e pose comedida; Norma Jean a exuberante e loiríssima “Marilyn Monroe”; a cantora e atriz Carmem Miranda, Debra Paget, Barbara Lange, Diana Lewis, Jayne Mansfield, Greta Garbo, Betty Brosmer, Toby Wing, Dolores Moran, Bettie Page, entre muitos outros grandes nomes da época.



Figura 4 - Bettie Grable por Frank Powolny (1942)  
Fonte: Imagem gentilmente cedida por Corbis/Latinstock  
Bettie Grable (2009)

A modelo e atriz Bettie Page foi uma das personagens de maior notoriedade da década de 50. A rainha das curvas, como era chamada, protagonizou inúmeros ensaios fotográficos realizados pela fotógrafa e ex-*pin-up* Bunny Yeager. Em sua homenagem, no ano de 2007 foi lançado nos Estados Unidos o filme *The Notorious Bettie Page*, que relata a vida e carreira da modelo, apontando também os pudores da sociedade na época. Um ano após o lançamento do filme, a atriz faleceu, com oitenta e cinco anos, em dezembro de 2008. (KOFFLER, 2005).

A seguir, a fotógrafa Yeager em um de seus famosos ensaios com a modelo Page.

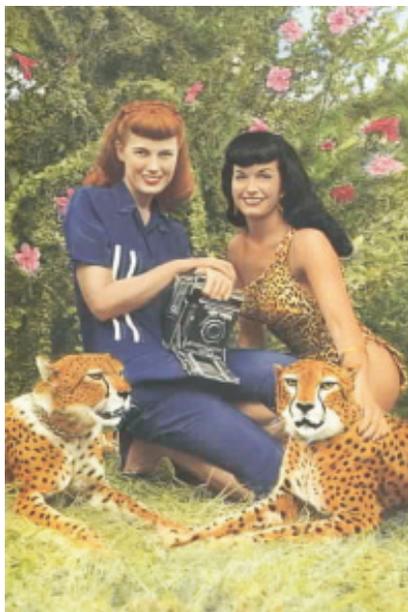


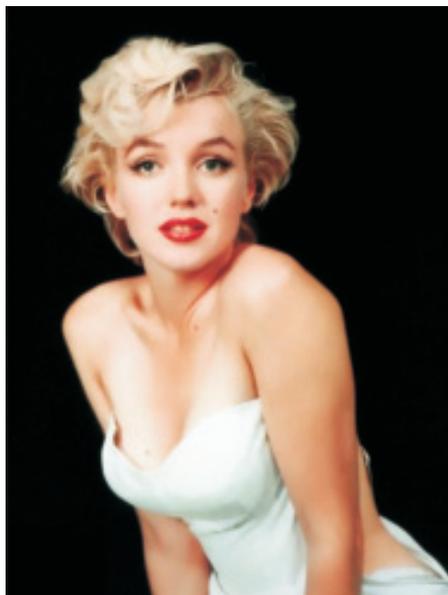
Figura 5 - Bunny Yeager e Bettie Page, década de 50  
Fonte: Layle's Online Auctions (2009)

As fotografias desse período, fomentadas pelo cinema, representavam uma personificação erótica de mulher ideal, atribuída a um corpo de curvas generosas e acessível. Sua imagem não se reprimia a padrões estéticos de manequins demasiadamente esbeltas e de pernas longelíneas. Os gêneros e modelos fotográficos circulavam por todos os

gostos, desde as formas sutis às mais graciosas e naturalmente arredondadas. A característica destas figuras era essencialmente incitar e incendiar o imaginário do espectador, atraindo principalmente a atenção masculina. Todavia não deixavam de servir como paradigma estético para o público feminino.

Como no período de guerra e no pós-guerra foram as mulheres que concomitantemente tomaram a frente de suas casas e do trabalho, estas fotografias representavam publicamente, ainda que com conotação erótica, sua conquista de força e liberdade. A mulher passou a ser vista como portadora de desejo, de corpo, de atitude, de pensamentos, de ideias, de vontades, e não mais somente no recato e fragilidade do lar. O olhar erótico culturalmente aprendido a partir de contextos sociais específicos em que estas fotografias se inserem e reinserem deu novos sentidos ao universo feminino.

O sucesso das *pin-ups* se deu pela imagem estimulante de fantasias: força e delicadeza, malícia e candura.



*Figura 6 - Marilyn Monroe por Bert Stern  
Fonte: Retro-girls.com (2009)*



Figura 7- Publicidade de cosméticos, Love's Baby Soft (1963)

Fonte: Love's ... (2009)

## Leitura iconológica

Conforme os estudos antropológicos de Malysse (2002), quando artisticamente apresentadas, as imagens do corpo passam verdadeiramente a ser “modelos culturais de percepção”, capazes de subverter tabus e transformar “as imagens mais misteriosas do corpo em representações fixas”. Este recato sensual com ar de mistério elevou aos mais altos índices o erotismo da época.

O erotismo aqui citado se refere ao grau mais leve do fetiche, o que equivale ao estímulo acentuado do imaginário à sexualidade, à sutileza da apresentação dos corpos, e não à vulgarização da imagem.

As imagens do corpo não correspondem apenas à visão do corpo como entidade isolada, pois elas são simultaneamente representações do ser e do mundo, visto que imagens do corpo são capazes de reproduzir e sugerir sentimentos, crenças e valores, elas podem ser utilizadas para desestabilizar o leitor em suas próprias representações do corpo e orientá-lo em novas direções [...] (MALYSSE, 2002, p. 72).



Figura 8 - Marilyn Monroe por Frank Powolny (1953)  
Fonte: Retro-girls.com (2008)

Insinuações com as roupas íntimas, acessórios ou símbolos fálicos se tornaram muito comuns nestas ilustrações/fotografias, entretanto contidas em não banalizar sua imagem ao sexo explícito. A finalidade essencial da imagem é instigar a convivência do olhar à distância apontando fundamentalmente um conhecimento do querer, cujo limite é uma linha tênue e se constitui numa forma de prazer. Para Zerner (2008 p.103) “a observação e a coisa observada se combinam para fazer do corpo um lugar privilegiado da imaginação”.

Filmes e fotografias constituem igualmente objetos intensamente eróticos, entendendo o termo no sentido mais amplo de relativo ao prazer. Não se trata somente, nesse caso, dos prazeres que deles podiam obter os *voyeurs*; em sentido bem mais amplo, as imagens aprisionavam corpos outros, alheios, corpos livres e, todavia, prisioneiros, corpos admiráveis ou desejáveis, e autorizavam uma contemplação [...] indefinida desses corpos. (PIERRE SORLIN *apud* MARRA, 2008, p.65).

As fotografias de *pin-ups*, apesar de construírem cenários e figurinos variados, compilam elementos simbólicos em comum que inquietam o leitor. Elas o convidam para um olhar apurado sobre o que há de atrevido na alma feminina por uma tangente de sensualidade. Neste tipo de fotografia, ao projetar um elemento frente à câmera, é necessário estar abastecido de autonomia erótica, ciência do que se quer fotografar, e do objeto a ser fotografado, de modo que instigue e seduza os olhos que por ele passarem.

Assim, ao eleger os ângulos da imagem, como por exemplo, na maioria das vezes o *contra-plongée*<sup>2</sup>, o fotógrafo – como mediador do diálogo entre espectador e fotografado – interfere na leitura, tornando o observador submisso ao elemento maior da imagem, a figura da mulher. A personagem fotografada também deve adquirir um *status* visual de comunicação com o fotógrafo articulando o corpo de forma significativa. Como relata Marra (2008, p.55):

[...] os artistas comprometidos com o comportamento, fotografando-se e deixando-se fotografar, não pretenderam simplesmente fornecer uma documentação das suas performances, mas, de certo modo, as mantiveram e prolongaram em outro plano, em um segundo território, aquele do espaço físico [...].

Essa comunicação também se dá através do olhar que remete ao prazer sensual. A questão sensual deixou de ser somente estética e focada no belo, no feminino, e passou a ganhar cada vez mais atributos referentes à erotização, que também se dá pelo olhar. Isso ocorre tanto na fotografia em que a personagem encara diretamente o espectador, quanto naquela em que se deixa ser observada, como se o convidasse a olhar. Ambas comunicam, instigam o olhar *voyeur*<sup>3</sup>, de maneira que este sente uma espécie de acesso a um jogo de provocações, atribuindo à imagem feminina um índice de fetiche.

<sup>2</sup> *Contra-plongée* é o enquadramento no qual a câmera fotográfica é posicionada de baixo para cima. A objetiva capta o objeto abaixo do nível normal do olhar. Geralmente proporciona a impressão de superioridade, triunfo, dominação em relação ao observador, pois aumenta a imagem do objeto / pessoa observada. Posicionamento oposto ao enquadramento *plongée*.

<sup>3</sup> Pessoa que observa secretamente outras pessoas e sente prazer principalmente quando estas estão em situações íntimas ou privadas.

O observador passeia pelos elementos que compõem a imagem fotográfica, como as roupas justíssimas e decotadas, os ombros à mostra, a maquiagem que ora evidencia a boca, ora os olhos, as posturas empinadas, expressões faciais como, por exemplo, o sorriso malicioso, as bocas entreabertas, o movimento e a articulação do corpo ao mesmo tempo irreal e materialmente sensual. Todos estes pontos dão sentido à imagem fotográfica e convergem intencionalmente para a imagem da mulher erotizada, em uma atitude sexualmente evocativa dentro da temática fetichista. Nelas, estão inseridos declaradamente modelos de representação de contexto sexual, em um jogo malicioso de desejo e dominação entre ela e o observador.



*Figura 9 - Marilyn Monroe (1961)*

*Fonte: Imagem gentilmente cedida por Corbis/Latinstock*

A escolha por vestir a modelo ao invés de representá-la nua, é de certo modo uma escolha fetichista, ainda que inconscientemente, pois a indumentária representa ao universo masculino um desafio ao imaginário. A significação inerente à vestimenta age de forma extremamente importante nesta análise, já que socialmente ela possui um histórico de proteção e

pudor, e no âmbito da sexualidade trata de um convite enfático ao desejo. “De fato, a representação do corpo vestido transmite uma experiência da carne de maneira muito mais viva do que o nu, que sempre é mais ou menos ideal” descreve Zerner (2008, p.108). Por ser próxima ao corpo, a vestimenta cobre-o como uma segunda pele, protegendo-a. Não obstante, ela também o revela, passível de ser fetichizada. O despir com o olhar então se torna algo extremamente convidativo nessas fotografias. A lógica da trama passa a ser a mulher como objeto-imagem e o homem como portador do olhar, o *voyeur*.

Evidentemente, o modo como a obra é percebida depende de hábitos visuais do espectador, de disposições de conteúdos mentais prévios. No entanto, o fetiche socialmente apreendido aflora o entendimento destas imagens. Ele comporta por excelência noções culturalmente moldadas da linguagem erótica e se torna o veículo oportuno para o imaginário masculino, que facilmente decifra os códigos.

À medida em que estas fotografias de mulheres fatais tornaram-se onipresentes, foram alvos de inspiração para muitos artistas e criadores, marcando um movimento artístico. Na moda, muitos dos elementos visuais característicos da “era *pin-up*” se perpetuaram. Essa aura de “sensualidade atrevida” se tornou contemporaneamente um fator de estilo, de auto-afirmação da personalidade e de resgate ao mistério da feminilidade.

## Outros olhares

Em meados do século XX, o mundo testemunhou uma reviravolta no universo feminino. As imagens fotográficas, o cinema, a publicidade, a tecnologia e a moda sempre acompanharam os processos e o progressos de libertação social e cultural da mulher, que ao longo da história foram vencendo tabus, perdendo os toques de ingenuidade e brincadeira, e ganhando um erotismo mais invasivo.

Na era digital, de efêmeras e incessantes transformações, essas imagens femininas ainda fascinam, no entanto passam por inúmeras reconfigurações e buscam novos encontros. Intimidade e imagem

fundiram-se e, numa ansiedade crescente e incontrolável de observar o outro, de flagrá-lo através da fechadura, tornou-se uma espécie de *voyeurismo* necessário.

Mesmo em tempos de tão intenso tráfego de imagens, as fotografias de *pin-ups* fascinam, tanto nas poses quanto ao estilo erótico sensual de recato e malícia. Apesar das incontáveis possibilidades e facilidades técnicas de representação do corpo atualmente, a figura das *pin-ups* permanecem preenchidas de uma estética natural do ser mulher. Ao longo dos anos, revelam-se cada vez mais lúdicas e eroticamente potentes.

Contemporaneamente, criadores e ilustradores como Rion Vernon, Carlos Diez, Arthur de Pins; artistas como Kate Von D, e Aitchison; fotógrafos como Lee Martin, Fred Kyrel, Janette Valentine, e Thimothy White, continuam buscando suas referências e se dedicam a esse tipo de trabalho, porém de uma maneira mais despojada e contemporânea, considerando uma nova leitura das *pin-ups*, uma mistura das mulheres dos séculos XX e XXI. Muitos destes materiais artísticos ou comerciais passaram a ser veiculados pelos meios digitais através de exposições em *sites* em que possam atingir o maior número de admiradores.

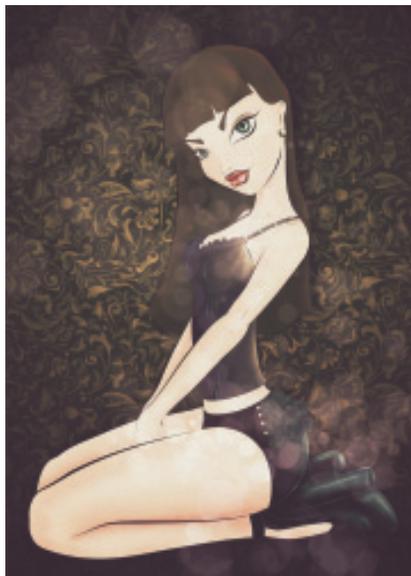


Figura 10 - Pin-up  
Ilustração: Priscilla Afonso de Carvalho  
Fonte: Acervo particular da ilustradora

A capacidade técnica de manipular, criar, reproduzir e veicular as imagens coloca o espectador diante da “reeducação” do olhar. Segundo Marra (2008, p.33) “em uma fórmula se olharmos o desenho, fruimos a fotografia”. A ilustração e a fotografia fundem-se diante da técnica e dos olhos formando um simulacro perfeito, como pode ser observado na imagem a seguir.



Figura 11 - Pin-up Jessica Rabbit (2008)  
Fonte: Look Share (2009a)

A *pin-up* retratada na figura é a leitura atual da personagem do desenho animado de 1988, *Uma cilada para Roger Rabbit*, trama que se passa no ano de 1947. Esta ilustração realista foi criada a partir da fusão do desenho original, bidimensional, com pedaços de múltiplas fotografias de pessoas reais manipulados em um programa de computador, o *photoshop*. O processo de construção da imagem pode

ser assistido no *site* do *Youtube*,<sup>4</sup> em que apresenta boa parte do trabalho executado. Na figura pode-se ver respectivamente a leitura original da ilustração e a leitura atual da *pin-up*. O resultado é de um realismo impressionante. A ilustração digital tem se mostrado cada vez mais voraz na busca pelo realismo, o mais próximo do modelo fotográfico.



Figura 12 - Personagem original e ilustração realista  
Fonte: Look Share (2009b)

Nunca as imagens virtuais estiveram carregadas de tanto realismo. O espaço da internet possibilita a qualquer indivíduo de qualquer localidade, geração ou cultura se inter-relacionar e estar presente ao mesmo tempo virtualmente em outro lugar.

## *Pin-ups* contemporâneas

A figura feminina sempre foi um tema amplamente explorado nas artes, afinal a beleza da mulher não se resume a uma representação de caráter finito. Ela possui a articulação de sua beleza natural, da expressão do corpo que refletem a plasticidade, de formas inigualáveis. As manifestações sociais e culturais femininas foram bastante relevantes

<sup>4</sup> <http://www.youtube.com/watch?v=r940y3N1Yns>.

ao longo da história e transformaram o corpo da mulher na expressão máxima da sensualidade e do erotismo. Com o progressivo advento da fotografia, do cinema e da televisão, a imagem da mulher fetichizada foi assegurada e perdura até a contemporaneidade.

A imagem fotográfica, quando difunde o aspecto “corpo como objeto” e “corpo como expressão da sexualidade”, mais que qualquer outro produto imagético, torna o corpo da mulher acessível a qualquer olhar. É nesse corpo que se inicia o desejo e concentra o erotismo do feminino. Neste contexto a fotografia pode ser considerada um objeto de estudo de comportamentos.

Numa fotografia erótica, como as de *pin-ups*, o corpo é o espetáculo. A expressividade está na pose e no olhar exibido de forma sensual, às vezes insinuante, às vezes invasiva, no entanto, sempre provocando o desejo e respondendo à erotização do espectador. Daí a relevância de estar previamente abastecido de determinadas informações para compreender o que as figuras são e o que elas comunicam. Neste sentido, foi proposto um referencial mínimo para a análise da imagem da mulher, como objeto de desejo, a fim de detectar na fotografia os elementos simbólicos do fetiche que ela evoca.

Décadas se passaram, seu contexto sofreu diversas transformações. No entanto, historicamente pode-se concluir que o caráter sexual sugestivo, tácito na imagem da mulher, foi caracterizado fundamentalmente na indústria cultural com as chamadas *pin-ups*, que se tornaram notórias entre as décadas de 30 e 50, legitimando a imagem da mulher como fetiche. Pode-se afirmar que as fotografias de *pin-ups* têm grande responsabilidade sobre a maneira como as mulheres começam a ver a si mesmas após os anos 40. Como a história e os comportamentos são cíclicos, essa estética feminina denota formas que até a contemporaneidade não param de evoluir. Na estética contemporânea de culto à magreza, as referências *pin-ups* vêm resgatar uma realidade de postura e corpo de curvas naturais equilibrando o poder e a feminilidade plena.



Figura 13 - Pin-up por Janette Valentine (2009)  
Fonte: Terriblygirly (2009)

O estilo “*vintage*”<sup>5</sup> de mistério e erotismo foi imortalizado através dessas fotografias e ilustrações e é revivido por muitos que apreciam o movimento da época.

Muitas mulheres assumem plenamente esse personagem, adotando sua postura, com roupas, acessórios, maquiagens, gestos, e transformam o próprio corpo no objeto desejado, construindo a imagem do *sex-appeal* com indumentos e maquiagem, gestos e andares. É o caso da própria modelo e atriz, Marilyn Monroe, na década de 50.

<sup>5</sup> A palavra *vintage* designa a colheitas de uvas, em que as condições de produção, como exemplo para o vinho do Porto, contribuem para uma qualidade singular do vinho. Sua origem ou significado vem de *vin*, relativo à safra de uvas e *age* de idade. Denominam-se também *vintage* os vinhos especiais do Porto, não filtrados, que se caracterizam por ter a capacidade de envelhecer dentro da garrafa, ganhando, portanto, sabores excepcionais com o passar dos anos. No mundo da moda, o termo foi incorporado para designar peças, como roupas ou acessórios que marcam uma época. A palavra define de forma mais elegante e eufemista ‘roupas velhas’ ou antigas. Moda ou estilo *vintage* é uma moda retrógrada, uma recuperação de estilos com pelo menos mais de 20 anos. O resgate da moda “*pin-up*” é um exemplo de “moda *vintage*”.

Atualmente podemos citar a modelo e atriz Dita Von Teese, as cantoras Katy Perry, Amy Winehouse, Aimee Ann Duffy e Pitty, as tatuadoras Kat Von D, Hannah Aitchison, Pixie, entre outras.

A fotografia e os ícones da imagemerótica contribuíram muito para a desmistificação de tabus sociais e para a democratização da imagem feminina. Com a internet tornou-se cada vez mais acessível e em tempo ilimitado o espaço reservado de um observador. Pode-se dizer que os elementos estéticos eróticos/fetichistas das fotografias atuais, inspiraram-se essencialmente nestas imagens.

Entrar em contato com o passado, conhecer novas formas de conceber o corpo são atividades que permitem estruturar construções discursivas mais abrangentes, nas quais o significado original se perde, mas o componente estético prevalece e instiga. As várias possibilidades de adornar o corpo no mundo refletem ainda o inédito e o inusitado, que se manifestam por meio de diferentes códigos de linguagens, de outras culturas, das quais não somos capacitados a apreender a totalidade de suas significações. (CASTILHO, 2006, p.137).



*Figura 14 - Pin-up contemporânea: Dita Von Teese por Ali Mahdavi (2008)  
Fonte: Mahdavi (2008)*

Esta estética tem atraído empreendedores cada vez mais ávidos por comercializar estilos chamados também de “retrôs”, na moda, na publicidade e em outros meio.

Deste modo, voltados para a exploração dos elementos do erotismo, atraem compradores bem mais interessados, esclarecidos e preparados para consumir este tipo de imagem e/ou produtos, em resposta aos novos modelos estéticos, impostos pela sociedade contemporânea.

As imagens cumprem assim seu papel como modelo referencial para a posteridade.

---

## Considerações finais

---

Mais uma vez está de volta o “boom” das fotografias de mulheres sapecas, de cintura fina e bem marcada, segurando objetos fálicos, e sorriso de quem nada quer, enquanto tudo provoca. A tendência retrô se apóia nos anos de ouro das *pin-ups*. E através do “click” congelando uma época, mantêm-se viva a era das belezas lúdicas, simultaneamente dinâmicas e enigmáticas.

---

## Referências

---

ACHUTTI, Luiz Eduardo Robinson. Imagem e fotografia: aprendendo a olhar. In: LEAL, Ondina Fachel (Org.). **Corpo e significado**: ensaio de antropologia social. 2.ed. Porto Alegre: UFRGS, 2001. p.423-433.

BETTIE GRABLE. Disponível em: [http://www.famouspictures.org/index.php?title=Betty\\_Grable](http://www.famouspictures.org/index.php?title=Betty_Grable). Acesso em: fev. 2009.

CASTILHO, Kathia. **Moda e linguagem**. 2.ed. São Paulo: Anhembi Morumbi, 2006.

CORBIN, Alain (Org.). **História do corpo**: da revolução à grande guerra. Petrópolis: Vozes, 2008. v.2.

FERREIRA, Maria Leticia Mazzucchi. O retrato de si. In: LEAL, Ondina Fachel (Org.). **Corpo e significado**: ensaio de antropologia social. 2.ed. Porto Alegre: UFRGS, 2001. p.409-422.

GLACE de Tres Flores. Disponível em: <http://mexicovers1.blogspot.com>. Acesso em: mar. 2009.

LEAL, Ondina Fachel (Org.). **Corpo e significado**: ensaios de antropologia social. 2.ed. Porto Alegre: UFRGS, 2001.

LAYLE'S ONLINE AUCTIONS. **Bunny Yeager e Bettie Page, década de 50**. Disponível em: <http://www.playle.com/KDL/49702.jpg>. Acesso em: fev. 2009.

LETTERI CAFÉ. **Eldorado**: cartaz de 1894 por Jules Cherét. Disponível em: [http://www.letteri.blogspot.com.br/cherez\\_eldorado4.jpg](http://www.letteri.blogspot.com.br/cherez_eldorado4.jpg). Acesso em: abr. 2007.

LOOK SHARE. **Jessica Rabbit Untooned**. Disponível em: <http://pixeloo.blogspot.com/2008/04/jessica-rabbit-untooned.html> Acesso em: mar. 2009a.

\_\_\_\_\_. **Personagem original e ilustração realista**. Disponível em: <http://pixeloo.blogspot.com/2008/04/jessica-rabbit-untooned.html>. Acesso em: mar. 2009b.

LIPOVETSKY, Gilles. **A terceira mulher**: permanência e revolução do feminino. São Paulo: Companhia das Letras, 2000.

LOVE'S Baby SoftLove's. Disponível em: <http://www.flickr.com/photos/84369496@N00/839915699>. Acesso em: mar. 2009.

LYRA, Bernadette; GARCIA, Wilson Garcia (Org.). **Corpo e imagem**. São Paulo: Arte e Ciência, 2002.

MAHDAVI, Ali. **Pin-up contemporânea**: Dita Von Teese. 2008. Disponível em: <http://www.flickr.com/photos/sexysciencebydita/page2/> Acesso em: mar. 2009.

MAHDAVI, Ali. **Fotógrafo**. Disponível em: <<http://www.alimahdavi.net/>> Acesso em: mar. 2009.

MALYSSE, Stéphanie. Um ensaio de antropologia visual do corpo ou como pensar em imagens o corpo visto? In: LYRA, Bernadette; GARCIA, Wilton (Org.). **Corpo e imagem**. São Paulo: Arte e Ciência, 2002. p.67-74.

MARRA, Claudio. **Nas sombras de um sonho**: história e linguagens da fotografia de moda. São Paulo: Senac, 2008.

OLIVEIRA, Sandre Ramalho. **Imagem também se lê**. São Paulo: Edições Rosari, 2006.

HORNBY, Albert Sydney. **Oxford advanced learner's dictionary**. Oxford: Oxford University Press, 2005.

KOFFLER, Pamela et al. **The notorious bettie page**. Direção de Mary Harron. New York: Home Box Office, 2005. 1 bobina cinematográfica (91 min), son., color.

RETRO-GIRLS.COM. **Marilyn Monroe por Bert Stern**. Disponível em: <http://www.retro-girls.com/girls/mmonroe.html>. Acesso em: mar. 2009.

\_\_\_\_\_. Marilyn Monroe por Frank Powolny (1953). Disponível em: <http://www.retro-girls.com/girls/mmonroe.html>. Acesso em: out. 2008.

THE PIN UP FILES. **Calendário com pin-up ilustradas por Alberto Vargas (cerca de 1942)**. Disponível em: Disponível em: <http://www.thepinupfiles.com/vargas1.html>>. Acesso em: mar. 2009.

TERRIBLYGIRL. **Pin-up por Janette Valentine**. Disponível em: <http://www.terriblygirl.com/pinup101.htm>. Acesso em: mar. 2009.

VALENTINE, Janette. **Fotógrafa**. Disponível em: <<http://http://www.terriblygirly.com>> Acesso em: mar. 2009.

VERNON, Rion. **Pin-up**. Disponível em: <http://www.pinuptoons.com/Galleries/Digital/37.htm>. Acesso em: dez. 2008.

WHITE, Timothy. **Fotógrafo**. Disponível em: <<http://www.timothywhite.com>> Acesso em: fev. 2009.

YEAGER, Bunny. **Fotógrafa**. Disponível em: <<http://www.bunnyyeager.com>> Acesso em: fev. 2009.

WIKIPEDIA. **The free encyclopedia**. Disponível em: <<http://en.wikipedia.org>> Acesso em: mar. 2009.

ZERNER, Henri. O olhar dos artistas. In: CORBIN, Alain (Org.). **História do corpo**: da revolução à grande guerra. Petrópolis, RJ: Vozes, 2008. v.2, p.101-140.

---

*A equipe editorial da revista Discursos Fotográficos agradece a Getty Imagens e Corbis/Latinstock que tiveram a sensibilidade de entender o caráter acadêmico da publicação e cederam gratuitamente algumas imagens.*

gettyimages | brasil

latinstock  Brasil